

# 1 Prólogo

Pretendo ser honesto com o leitor, e pretendo sê-lo desde o início. Este é um texto sobre o mal, mais especificamente, sobre o melhor artifício que a razão humana se valeu para tentar compreendê-lo: o monoteísmo. Saiba, portanto, o leitor, que tal é um escrito perigoso: se presumir ter uma fé conciliável com a razão correrá o risco de perdê-la; embora possa conservá-la, se porventura admitir tornar-se um *fideísta*. Digo: corre o risco. Não é certo, portanto, que a perca. Todavia, se após a leitura desta obra ainda confiar na sua capacidade de conciliar a sua fé monoteísta com a razão, gostaria muito de ouvir os seus argumentos: confesso que desistirei prontamente dos meus se conseguir convencer-me. Aliás, gostaria imensamente que refutasse a minha hipótese: seria um alívio poder ter esperança sem, para tanto, precisar abdicar da honestidade.

Advirto, contudo, o leitor de que não sou ateu. Quiçá seja agnóstico, mas não estou certo de sê-lo: é perfeitamente possível que eu mesmo me tenha transformado, do cristão convicto que fora de poder apresentar as razões da minha fé de uma forma coerente e persuasiva, em uma espécie muito pouco ortodoxa de fideísta. Como quer que seja, a educação moral e religiosa recebida dos meus pais, e o meu caráter e trivial inteligência, impedem-me, categoricamente, de acreditar que o Criador deste planeta seja, ao mesmo tempo, bom e todo-poderoso: se o fosse, não o teria feito assim; pois que, se eu o fosse, certamente o teria feito melhor (e isso não implica que o teria feito sem sofrimento, mas apenas sem algum que fosse inútil e injustificável).

Não me coube a sorte de ser Deus, mas o fardo de ser filósofo. De resto, não tenho do que reclamar. A minha vida é muito boa, o que será bastante irônico se Ele existir: acumulou-me de motivos para ser feliz, salvo uma sensibilidade exacerbada em relação às dores absurdas deste mundo. E é só por isso que eu reclamo.

(Sim, como a quase totalidade dos filósofos, eu também fui religioso, e, como disse, provavelmente ainda o seja. Mas, como as minhas contumazes orações, através das quais dirigi a Deus, por anos a fio, as minhas dúvidas, não obtiveram sequer uma resposta, decidi investigar por conta própria. Aliás, confesso a minha suspeita de que esta seja a experiência subjacente a todas as buscas filosóficas: – do nada, nada se faz, e a coisa de onde abrolha o filósofo, provavelmente, é sempre a religião.)

Este estudo trata, pois, do monoteísmo enquanto tentativa de explicação e de justificação do mal através do seu sistema moral e metafísico, cuja eficácia psicológica deveras atenua o caos político e o desespero, mas, em contrapartida, suscita impasses filosóficos constrangedores (não apenas lógicos, mas, sobretudo, morais), e, segundo pretendo demonstrar, existencialmente inconciliáveis.

Porque abordo um assunto difícil, e aduzo argumentos complexos, após este prólogo o leitor não encontrará uma introdução, mas prolegômenos. Ainda que feias, deve-se utilizar as palavras que denotam mais precisamente um significado que outras são incapazes de fazê-lo, conquanto sejam mais bonitas. *Prolegômenos* não é sinônimo exato de *introdução*, embora não deixe de sê-lo. Trata-se de uma introdução expositiva de uma obra intelectual, onde “se assentam os princípios fundamentais necessários à sua boa compreensão”, ou seja, uma manifestação do esforço do autor por evitar mal entendidos. Mas a minha necessidade de evitar mal entendidos, e de limitar a margem de interpretação do leitor, é tanta, que o recurso à utilização de prolegômenos não foi suficiente. Para ilustrar as minhas questões precisei compor várias digressões e notas explicativas que, malgrado o meu apreço pela síntese, acabaram se tornando grandes demais. Por isso as transformei em uma série de excursos, que, embora apensos aos prolegômenos, não se afiguram apêndices descartáveis, mas subsídios imprescindíveis à sua boa compreensão. Como já o constataram tantos dos meus colegas (Montaigne, Bayle e Kierkegaard, por exemplo), a sistematização excessiva produz o contrário do que almeja: afasta da verdade. É preciso, portanto, digressionar, divagar: apenas assim pode-se esperar encontrá-la, por acaso, nas veredas do pensamento. Todavia, mesmo para perder-se, com o escopo de encontrar-se, é preciso fazê-lo disciplinadamente; o que não significa, necessariamente, espremer insights nos moldes de um sistema que, por definição, recusa toda contradição. Não espere, portanto, o leitor, encontrar uma coerência perfeita neste trabalho: isso implicaria uma contradição performática de um dos seus principais pressupostos, qual seja o de que o absurdo em que o mal consiste impede o sucesso de qualquer esforço de sistematização.

Devo, infelizmente, fazer uma última advertência: a obra que o leitor tem em mãos ainda está inacabada. Alguns capítulos foram redigidos às pressas, de maneira a cumprir cronogramas acadêmicos, e certas promessas não puderam de ser cumpridas a contento (digo, a meu contento: espero que o leitor não seja tão exigente; apenas o bastante para aquilatar o meu esforço). Presumo, entretanto, ter obtido o que eu mais urgentemente almejei: suscitar a suspeita de que o problema abordado é gravíssimo.